



LUGO KOYAMA

O guarda Soeiro: coragem e facão para combater o fogo na reserva capixaba

## Ambiente

# Trincheira verde

*A exploração predatória castiga a mata que a campanha ecológica tenta salvar*

Quando a Reserva Biológica do Córrego do Veado, em Pinheiros, no Espírito Santo, perdeu suas últimas grandes árvores, sacrificadas recentemente por um incêndio, terminava de ser escrito mais um trágico capítulo da história da mutilação de um precioso e castigado tipo de vegetação, a Mata Atlântica brasileira. Ainda assíduo no cenário da tragédia onde tenta salvar alguns arbustos, o guarda-florestal Pedro Lucas Soeiro, 49 anos, protagonizou um brutal embate contra o fogo nas duas semanas em que as chamas resistiram. Ele mesmo, depois de informado sobre o incêndio, correu para o lado norte da reserva e munido de um facão abriu um aceiro que impediu momentaneamente o incêndio de se expandir. "O vento estava forte e as fagulhas pularam o corredor", lamenta Soeiro. Depois disso, nem o exército de bombeiros, carros-pipa e tratores, chamado pela administração da reserva, conseguiu evitar o pior: 10 000 árvores, algumas delas centenárias e raras, viraram carvão, colocando em risco o habitat onde sobreviviam mais de 100 espécies animais.

### O verde fora do mapa

Cobertura florestal nos Estados brasileiros em 1500 e em 1982 — em %

Estado	1500	1982
Acre	99	65
Amapá	80	58
Amazonas	90	79
Pará	85	59
Roraima	50	18
Rondônia	85	50
Alagoas	50	menos de 1
Bahia	30	1
Ceará	15	menos de 1
Maranhão	40	8
Paraíba	26	menos de 1
Pernambuco	20	menos de 1
Piauí	15	menos de 1
Rio Grande do Norte	19	menos de 1
Sergipe	45	menos de 1
Espírito Santo	90	2
Minas Gerais	45	3
Rio de Janeiro	97	13
São Paulo	85	6
Paraná	85	3
Santa Catarina	84	4
Rio Grande do Sul	40	1
Goiás	40	1
Mato Grosso	50	13
Mato Grosso do Sul	70	8
Total	61	29

TORTUELLIMACEGO

Fonte: Magnanini, A. Degradação Florestal no Brasil

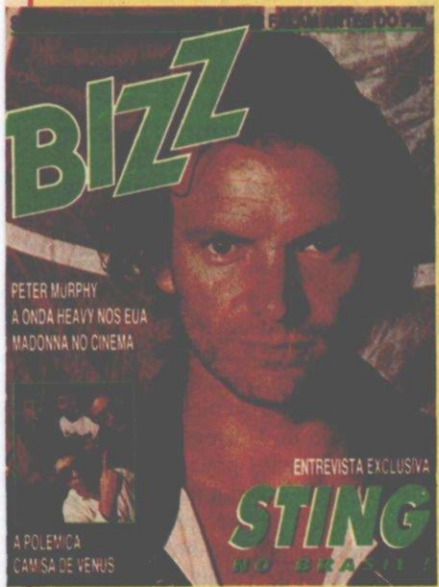
ADER0030

O engenheiro florestal João Batista Rasseli admite que a causa do fogo tenha sido uma queimada promovida por pecuaristas da região para combater a cigarrinha — praga comum que ataca o capim-colônião, pasto do gado. Para o biólogo Sérgio Lucena Mendes, presidente da Associação Capixaba de Proteção ao Meio Ambiente, no entanto, o importante agora é reavaliar as condições de segurança da reserva. "Num incêndio como esse, os dispositivos reais de proteção devem ser acionados em menos de 24 horas", adverte. Na reserva do Córrego do Veado, os guardas contavam apenas com ferramentas manuais e dois jipes. Ali não existe torre de observação, essencial para a detecção de focos de incêndio distantes das guaritas.

Maltratada, a Mata Atlântica foi a vegetação nativa exuberante que recebeu, há 487 anos, a comitiva dos descobridores portugueses. Naquela época compreendia uma grande fralda vegetal próxima ao litoral, que cobria quase toda a extensão territorial da costa do país. Pela beleza da flora e da fauna que exibia, despertou desmedidos elogios na carta de Pedro Vaz de Caminha ao rei de Portugal. Se Cabral retornasse hoje ao Brasil, encontraria apenas cinco de cada 100 árvores que emolduraram a recepção original. O processo de devastação, cujo último episódio é o incêndio do Córrego do Veado, iniciou-se ironicamente pouco depois da missão de Cabral — com a derrubada e a comercialização da árvore que empresta seu nome para o país, o pau-brasil. Passado o ciclo da madeira, o trajeto da destruição prosseguiu com o consumo de florestas inteiras pelas fornalhas dos engenhos de cana, a abertura de pastagens, a plantação de café e o assentamento de colonos.

MÚLTIPLAS RAZÕES — O fogo também faz parte do cotidiano dos 100 000 habitantes da região do Parque Nacional da Chapada Diamantina, na Bahia. Ali, as últimas chuvas apagaram um gigantesco incêndio que já havia consumido mais de 50% da área do parque. Na Chapada Diamantina, acender um fósforo e atear fogo à mata é um procedimento corriqueiro e tem objetivos diversos. Os agricultores o fazem para preparar a terra, os caçadores para abrir trilhas, os garimpeiros para facilitar a extração de diamantes e os pedreiros para retirar a vegetação que re-

# O ROCK VIAJA DE BIZZ



Não importa onde seja: Nova Iorque, Tóquio, Rio, Brasília ou Liverpool. Onde tem rock tem um repórter da Bizz cavando uma entrevista exclusiva, uma declaração polêmica, um furo de reportagem.

Bizz chega junto com as maiores revistas de rock do mundo e notícia em primeira mão.

Entrevista com exclusividade o Sting antes dele chegar ao Brasil, arranca declarações inusitadas do ex-Bauhaus Peter Murphy e radiografa a onda heavy que anda assolando os EUA.

Para saber o que acontece pelo mundo do rock, fique com Bizz.

## NAS BANCAS

veste as rochas destinadas à fabricação de lajotas. "É preciso introduzir na região projetos produtivos condizentes com o meio ambiente", explica o guia de turismo Luiz Francisco Krug.

Sem alternativas econômicas, o habitante da região geralmente adota uma postura de litígio em relação ao ambiente que o cerca. "Por desinformação essa gente acaba atribuindo as mazelas do subdesenvolvimento à presença da natureza no local onde moram", diz João Paulo Capobianco, presidente da Associação em Defesa da Juréia, região no litoral sul de São Paulo que conserva boa parte do que sobrou da Mata Atlântica. Capobianco defende um programa pedagógico de adaptação dessas populações ao meio ambiente. "Precisamos ensinar essas pessoas a montar culturas produtivas em espaços exíguos, respeitando os limites da mata."

A mata amazônica já perdeu 10% de sua cobertura vegetal, enquanto a Mata Atlântica teima em sobreviver, hoje, reduzida a 5%.

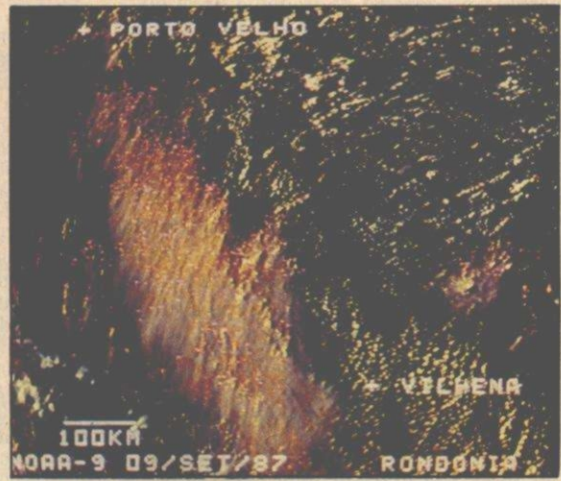
De qualquer forma, o mérito estatístico da floresta amazônica não resiste a um exame regional da situação de suas matas. Rondônia, prevêem os especialistas, poderá perder todas as suas florestas num período inferior a dois anos caso o ritmo de queimadas e desmatamento continue o mesmo — o Maranhão estaria nessa situação até o final da década, e o Pará alcançaria o mesmo montante da devastação por volta de 1991. Segundo dados das organizações mundiais de preservação do meio ambiente, a intervenção humana aniquila uma espécie vegetal por dia e, caso o ritmo da exploração seja mantido, o homem atravessará a próxima década varrendo uma espécie vegetal por hora da face do planeta.

Já começam a se esboçar tentativas articuladas de se preservar o patrimônio vegetal. No próximo dia 15, a Fundação S.O.S. Mata Atlântica, fundada no ano passado por cientistas, empresários, profissionais liberais e outros simpatizantes da causa ecológica, começará a veicular uma propaganda massiva nos meios de comunicação com o objetivo de angariar apoio na luta pela preservação do que ainda resta da Mata Atlântica e de seus ecossistemas associados — áreas de mangue, onde se reproduzem os elos primordiais da cadeia de vida nos



Capobianco e Meirelles: propaganda pela mata

oceanos, os plânctons. A propaganda deverá ser veiculada em 100 jornais, oitenta emissoras de rádio e redes de televisão espalhados pelo país. "Precisamos de uma campanha massiva para combater uma ignorância massiva. Nove em cada dez brasileiros não sabem sequer o que é a Mata Atlântica", diz João Meirelles Filho, 27 anos, vice-presidente da entidade. A S.O.S. Mata Atlântica não pagará 1 centavo pela campanha, que foi franqueada pelos órgãos de comunicação. "Pagaríamos 120 milhões de cruzados por isso. Onde arranjáramos? Acho que o pensamento ecológico evoluiu no país", emenda Meirelles.



Rondônia vista pelo satélite: fogo